

Correspondência – TEMPO

40 minutos antes do nada

Miguel Calmon du Pin e Almeida¹

Pedro Duarte²

Rio de Janeiro, 28 de março de 2023.

Querido Pedro,

nós que já tivemos a oportunidade de nos encontrar em diferentes lugares, até mesmo indo para o Maracanã devidamente uniformizados com a camisa do Flamengo, nos propomos a mais uma aventura que, espero, resulte também em novas possibilidades de encontro.

E, para isso, tomo o cotidiano do nosso encontro casual, e com a camisa do Flamengo, para começar também pelo cotidiano que nos cerca.

Quando julgávamos que, ajudados pela tecnologia, teríamos mais tempo para nos dedicar ao ócio e ao lazer, verificamos que, pelo contrário, mais nos ocupamos, mais nos comprometemos com diferentes projetos, levados pela fascinante espiral do “tudo é possível”.

E novamente nos falta tempo.

Penso que todos nós temos sido surpreendidos pela mesma armadilha e pelas dificuldades de entendimento que ela gera.

Fala-se de tempo comprimido, de aceleração do tempo, que ideia é esta que preside (ou que ideias são estas que presidem) nossa concepção contemporânea de tempo?

Em tempos de individualismo exacerbado, os limites não se apresentam com contornos tão claros e assim continuam a pressionar por satisfação. Não há impossível que ordene a experiência humana. Tudo é excesso. Tudo é assusta-

1. Psicanalista, membro efetivo da SBPRJ.

2. Professor de filosofia da PUC-Rio.

doramente possível. Nós, os indivíduos, sideramos em torno desse excesso, não nos ancoramos a nenhum lugar e repetimos insistentemente nossas tentativas de buscar uma inscrição neste mundo.

O resultado da fascinação desta espiral se revela na clínica das depressões e das compulsões que terminam por se traduzir, quando tudo não é alcançado, como fracasso do sujeito.

Permita-me uma citação:

Mas de tempos em tempos, depois destes estados de satisfação que em certo sentido podemos chamar de estados obsessivos da emoção e da vontade, parece que somos dominados pelo seu contrário; para o expressarmos também com conceitos de hospício, subitamente começa na Terra uma intensa fuga de ideias, depois da qual toda a vida humana vê-se transferida para novos eixos e centros. A causa profunda de todas as grandes revoluções não está no progressivo acúmulo de condições insuperáveis, mas no desgaste da coesão que apoiava o contentamento artificial das almas. (MUSIL, ANO, p.376).

Há certos livros que marcam nossas vidas. Mais do que livros, por vezes certas passagens nos marcam a vida ao nos oferecerem a possibilidade de um novo ordenamento das coisas do mundo. Esta citação de Robert Musil é uma delas. Ela me persegue. Não me é incomum começar a pensar a partir dela os mais variados problemas. Esta expressão, “desgaste da coesão que apoiava o contentamento artificial das almas”, me persegue porque nela encontro duas ideias que me são muito caras: a primeira, que a coesão se desgasta por ser artifício da cultura e por isso exige seu constante recomeço; e a segunda, enquanto implica o porvir como próprio às condições da existência humana, isto é, mudanças não correspondem necessariamente a erros que, se evitados, as tornariam desnecessárias.

Destaco que na concepção de desgaste o que está em questão não são as razões profundas, mas o processo, a instauração de uma processualidade que nos permite acompanhar o ritmo e o movimento das coisas e de nós mesmos.

Contente em poder conversar com você,

Forte abraço,
Miguel Calmon.

Rio de Janeiro, 29 de março de 2022.

Meu caro, Miguel!

Quando decidimos começar esta troca de cartas, logo pensei em exclamar: e vamos falar do Flamengo? Não é que você começa por aí? Não deixa de surpreender que o tempo, tantas vezes sentido particular e subjetivamente, deixe marcas idênticas para duas pessoas diferentes. Fomos remetidos ao mesmo instante: um encontro casual no metrô – a caminho do Maracanã. Não foi nenhum debate intelectual ou encontro social que nos veio à memória. Foi o futebol. Foi essa paixão comum e em comum. Você, psicanalista, sabe muito bem: o começo tem sempre a ver com o desejo, mais do que com a cronologia. Lembramos, no tempo, do desejo chamado futebol. Suspeito que seja um sinal de que, como dizem por aí, começamos com o pé direito.

Começamos algo que tem um tanto de ficção: trocar cartas. Pois nenhum de nós está de fato escrevendo em um papel, colocando em um envelope, postando no correio e deixando um objeto material viajar no espaço e passar um tempo até que, desde o seu remetente, encontre seu destinatário. Em sua carta, você fala de nossa época acelerada e de como a promessa das tecnologias de comunicação – de que, graças a elas, teríamos mais tempo – permanece incumprida. Cá estamos, em ato, comprovando sua tese: não temos tempo para cartas reais, trocamos e-mails como se fossem cartas; e, repare, meus alunos na universidade não cessam de me dizer que e-mail é coisa de velho, é ultrapassado, pois agora as comunicações se dão pelo WhatsApp e outras redes. Talvez eles não saibam o que é uma carta. Certamente nunca chegaram a escrever uma.

Não há nisso, contudo, qualquer nostalgia. Nós é que, saudosos de cartas, estamos aqui as emulando. Não duvido que as mensagens de WhatsApp ou seja lá o que for possam carregar tantas emoções, ideias, sentimentos, anúncios, surpresas, medos, raivas ou amores quanto as cartas. Entretanto, há uma diferença de tempo. Cartas demoram. Mensagens online são rápidas. Cartas carregavam uma incerteza sobre quando ou até se chegariam. Mensagens online podem até contar com mecanismos de certificação imediata de seu recebimento. Das cartas às mensagens online, talvez uma mudança histórica tenha se passado: de um tempo da espera e da angústia até um tempo da urgência e da ansiedade. Evidentemente, não há exclusão simples aqui: havia urgência e ansiedade antigamente e há espera e angústia hoje. Mas, a ênfase e a predominância podem ter mudado. Será? O que você acha disso? Estarei me precipitando, com uma deformação profissional de filósofo, em classificações sumárias da experiência?

Seja como for, parece-me certo que nós, humanos modernos, somos muito mais determinados pela temporalidade tecnológica do que a dominamos. Por isso, os objetos da tecnológica comunicacional criam por si mesmos as novas necessidades e possibilidades que colonizam o tempo. Não haverá mais tempo livre graças a máquinas que fazem mais trabalhos, pois é da sua engrenagem criar mais trabalho, mais fazer, mais produção, mais consumo. Mais. O imperativo da era tecnológica do capitalismo tardio é de excesso. De resto, preencher o tempo é escapar ao que poderia surgir do seu vazio, que é o mais importante: o tempo não é uma coisa diante de nós. Nós somos tempo, já que, como dizia o poeta Octavio Paz, não são os anos, nem os dias e nem as horas que passam – somos nós que passamos. E isso não mudou.

Um grande abraço,
Pedro.

Rio, 30 de março de 2023.

Querido Pedro,

concordo com você quanto às cartas e aos e-mails. Assim como vive nos e-mails a esperança de eles não serem apenas espasmos imediatos e reativos a qualquer incômodo, vive também, e desde sempre, nas cartas o desejo do “chegar logo”, da resposta imediata, online. As cartas sonham em serem online; e os e-mails sonham a esperança de serem cartas.

O poeta Ferreira Gullar nos dizia em seu “Traduzir-se”

*Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.*

*Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.*

*Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.*

*Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.*

*Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.*

*Uma parte de mim
é só vertigem:*

*outra parte,
linguagem.*

*Traduzir uma parte
na outra parte
– que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?*

(GULLAR, 2013, pp.19-20)

Mesmo correndo o risco da nostalgia, é a idade, eu penso que vivemos um tempo que enfatiza mais a questão de “vida ou morte” do que a arte.

A arte requer o tempo. Requer o vazio. Não o vazio cheio das angústias, insatisfações e tarefas por realizar, o vazio da falta de tempo; mas o vazio do que se abre para o novo, vazio que se abre para ... o vazio, para a realidade que nos excede, sempre, e nos convida e implica para habitá-lo.

“Traduzir uma parte na outra parte”, significa dizer de outra maneira, reunir estes dois vazios (sempre presentes) em uma unidade dinâmica, e, com certeza, este é o nosso melhor destino: questão de vida ou morte e arte.

Mas, em tempos de individualismos exacerbados, prepondera a questão de vida ou morte, sem arte ou com pouca arte.

Nas clínicas das depressões e das compulsões não lidamos preferencialmente com interpretações. Jogamos com o tempo, introduzindo ritmos, pausas, respiração, vazios, apostando que eles possam nos fazer viver para além da queda no vazio e morrer.

Diante da desertificação psíquica, face à pobreza da vida de associações em certos pacientes, Michel D’Uzan dizia que “eles nos suicidam”.

Para sobreviver a este empurrão para o “suicídio”, empenhamos no encontro com tais pacientes a “arte da conversação”, um uso criativo de um desdobramento de um dos *Ensaio*s de Montaigne, que implica no constante relançamento da conversa, bem ao estilo de Sherazade, heroína das Mil e Uma Noites.

Tudo para não perder tempo!! Ou seria para não perder o tempo?

Viver o mais possível no menor registro de tempo, bater recordes, são as premissas?

Teremos todos nos tornado “crianças sábias”?

Diante do inalcançável daquilo que buscamos alcançar, estaremos “fugindo para frente”?

Onde fica o tempo para o tempo da fruição?

Onde fica o tempo para a “petite mort”, metáfora criativa utilizada pelos franceses para descrever o tempo que se segue ao orgasmo?

Como diria Caetano Veloso, orgasmo agora é só para relaxar?

Querido Pedro, tem momentos em que tenho sentido saudade do tempo em que o tempo não era o adversário a ser vencido.

Forte abraço,

Miguel.

P.S.: e amanhã tem Mengão!! ÔÔÔÔ, vai pra cima dele, Mengô!!

Rio de Janeiro, 2 de abril de 2023.

Olá, Miguel!

Começo do fim, o que já diz muito sobre o tempo: fui ontem ao Maracanã, pois, embora o Flamengo não estivesse tão bem, era Fla-Flu! E, como dizia Nelson Rodrigues, torcedor tricolor e torcendo metafisicamente nossa cronologia do tempo, o Fla-Flu nasceu quarenta minutos antes do nada. Estava certo. Mas, no meu caso, tinha outro motivo que tornava irresistível ir: no Campeonato Carioca – ao contrário do que ocorre nas competições nacionais quando quem tem o mando de campo pode colocar só a sua torcida no estádio – ainda temos o Maracanã dividido, como era na minha infância e juventude. No sul, Flu. No norte, Fla. Torcidas se olham, disputam quem canta mais alto, assim como os times competem em campo. É lindo demais. Coisa do tempo das cartas, e não dos e-mails. A dor de tomar um gol, sentir o silêncio ao redor e ouvir, ao mesmo tempo, a alegria do outro lado pulando é algo único, assim como a felicidade de fazer um gol e gritar a todos os pulmões enquanto se olha a quietude na arquibancada adversária. Nós todos temos as nossas nostalgias, e às vezes o ontem está presente no hoje; como emoções de cartas podem estar presentes em escritas de e-mails.

Fiquei pensando nisso que você escreveu: parece que cartas gostariam de ser e-mails e e-mails gostariam de ser cartas. Pois a relação temporal que você sugere, a meu ver, é análoga a outra. Se cartas gostariam de ser e-mails pela velocidade destes, mas os e-mails gostariam de ser cartas pela durabilidade daquelas, algo nisso remete à própria finitude humana. Nós somos mais como e-mails. Podemos ser ágeis, curtos ou longos, o tempo é incerto, rápido ou lento. E gostaríamos de ser como cartas, que são guardadas e aspiram à imortalidade. Curiosamente, entretanto, se nós, mortais, gostaríamos muitas vezes de sermos imortais, os seres imortais não raro têm o desejo da mortalidade: é o caso de alguns momentos dos deuses gregos, mas também dos vampiros, ou daquela espécie de “imortais” que aparecem em um conto do escritor argentino Jorge Luis Borges. Os imortais invejam a intensidade que a brevidade da vida traz. Mortais desejam a permanência. Imortais desejam a efemeridade. Será que sempre se quer aquilo que não se tem? Será que a falta é, de uma só vez, o avesso e o móbil do desejo? Sei que isso é assunto primeiro, primário e principal da psicanálise – então, o que você acha?

Lembrei-me, ainda, que o Freud, em um breve e maravilhoso texto sobre “a transitoriedade”, fala também algo nesse sentido. Ele narra um passeio

de dois amigos, e um deles lamenta que a beleza das flores brotando na primavera se perca porque, em breve, elas estarão mortas. O outro, contudo, inverte o raciocínio e afirma que o significado da beleza nem sequer está para além daquela brevidade, mas se enraíza nela. O sentido de beleza associa-se intimamente ao sentimento de que aquilo é raro e precioso, o que, no caso, quer dizer um sentimento do tempo mortal. Os imortais do conto de Borges talvez reagissem preguiçosamente à beleza das flores na primavera, uma vez que dispõem das eternas primaveras para contemplá-las. Falta-lhes a falta. Curiosamente, esses seres que têm todo o tempo do mundo são os que não têm o sentido mesmo do tempo.

O tamanho desta carta já excede o combinado, e ainda tenho muito mais a falar a partir do que você disse! Mas três coisas já adianto: adorei o poema do Ferreira Gullar; parece-me decisiva essa conversação que não se faz só de interpretação, mas com ritmos, pausas, respiração, vazios; quero voltar ao Caetano para falar desse tempo em relação com o orgasmo, e na verdade com o sexo. Fica pra próxima carta!

Ah, sim, ontem, no passado, o Flamengo ganhou de 2x0, mas o jogo final é só na semana que vem, no futuro; no presente, podemos já cantar: “domingo, eu vou ao Maracanã, vou torcer pro time que sou fã”!

Abraço,
Pedro.

Rio de Janeiro, 03 de abril de 2023.

Querido Pedro,

you sabe como fica fácil jogar futebol quando a bola não “chega quadrada”. O passe, a capacidade de deslocamento, o drible imprevisto, tudo fica mais fácil. É assim que me sinto quando recebo seus passes. Fica fácil jogar assim.

Compartimos a ideia de que um dos impulsos mais ferozes que toma conta de todos nós quando queremos definir, seja o tempo, ou, mais ainda, a nós mesmos, é o desejo de substancializar tudo. Transformar tudo em coisa, como se assim pudéssemos tê-la, a definição, o fundamento, concretamente dominado, inescapavelmente definido.

Guimarães Rosa tem um conto sobre isso. Ele o chama de “O Espelho”, e trata do desejo de apreender concretamente do que somos feitos, de olhar no fundo de nossos olhos para capturar o “verdadeiro eu”.

Ele começa por nos advertir que os espelhos são misteriosos e se pergunta: “Mas – que espelho? Há-os ‘bons’ e ‘maus’, os que favorecem e os que detraem; e os que são apenas honestos, pois não” (ROSA, 1988, p.65). Nosso interlocutor nos lembra que “Tirésias, contudo, já havia predito ao belo Narciso que ele viveria apenas enquanto a si mesmo não se visse... Sim, são para se ter medo, os espelhos” (ROSA, 1988, pp.66-67)

E, assim, tudo começa no dia que nosso herói vê uma figura hedionda refletida no espelho de um banheiro, para logo então perceber que se tratava dele mesmo. “Desde aí, comecei a procurar-me - ao eu por detrás de mim” (ROSA, 1988, p.67). Nesta procura insana do si mesmo, nosso herói, após despir sua imagem de tudo o que lhe seria acessório, se olha no espelho e... nada vê. E, incapaz de ver seus próprios olhos, ele se desespera. “Seria eu um... des-almado? Então, o que se fingia de um suposto *eu*, não era mais que (...) um entrecruzar-se de influências, e tudo o mais que na impermanência se indefine?” (ROSA, 1988, p.71).

Querido Pedro, isso é um passe que um Zico seria capaz: “*é tudo o mais que na impermanência se indefine!*” “*Salto mortal*”, nos dirá Guimarães Rosa, na impermanência e na indefinição. Sem rede. Sem garantias.

No conto de Guimarães Rosa vemos e somos vistos pelo conto na força do desejo que reside em todos nós de dizer “a coisa” e da angústia que nos atravessa ao vê-la insistentemente escapar. O umbigo, o nó de onde tudo emana. O fundamento. O eu como coisa. Nós, os psicanalistas, temos dificuldade em aceitar que inconsciente não é coisa que se esconde. Verdade não diz respeito a

uma proposição que um sujeito enuncia sobre uma “coisa”, mas uma equivocação através da qual se realiza uma abertura. É esta abertura que funda o homem como tal. Verdade é originalmente mistério, dissimulação da dissimulação.

Levado por meu pai, eu frequento o Maracanã desde os meus quatro anos. Vivi inúmeras vitórias, igualmente derrotas, alguns campeonatos, e todos deixam em mim um rastro de memórias, todas presentes e revividas na expectativa da decisão do Fla x Flu deste próximo domingo. No entanto, nada permite antever o resultado do jogo.

Tal como nos sugere Guimarães Rosa diante da necessidade e urgência do salto mortal, sem rede ou garantias, iremos todos ao Maracanã torcer pela vitória do nosso time do coração.

Uma entrega corajosa ao impermanente e ao indefinido.

Contudo, o que nos sustenta, seja qual for o resultado, é que “(...) Eu teria um desgosto profundo, se faltasse o Flamengo no mundo...”

Saudações rubronegras.
forte abraço,
Miguel.

Rio de Janeiro, 12 de abril de 2023.

Oi, Miguel.

Essa coisa do tempo que, contudo, não é coisa alguma; eis outro modo de apontar que o tempo não é uma substância ou um objeto diante de nós, como você diz. Hoje em dia quase ninguém mais gosta muito de falar do Martin Heidegger, o grande filósofo do século XX, embora eu considere que por isso era tão decisiva a distinção que ele fazia entre ser e ente. Nossa tendência moderna de objetificar tudo é tratar o ser – que é um processo de ser, um sendo, um devir, um movimento – como se fosse o ente – uma coisa parada, estável, apreensível. Não é para menos, entretanto, que tentamos dar ao tempo essa estabilidade fechada que ele não tem, uma vez que nós sentimos o tempo em nossa finitude, em nossa própria e irrevogável mortalidade.

Isso ajuda a entender qual a razão para que, desde Platão, a filosofia tenha buscado a verdade como eternidade, o que se fortaleceu durante a Idade Média, com a ideia de Deus. Buscava-se, pela transcendência, algo além do tempo do ser e do ser do tempo. Por isso, a palavra mais importante do grande livro de Heidegger, *Ser e tempo*, é precisamente a que menos chama a atenção: “é”. Pois nossa tradição costumou separar ser ou tempo, verdade ou história. O desafio é achar a conjunção de ser e tempo, da qual Heidegger fala filosoficamente, e que, voltando ao Caetano e à sua carta anterior, ele pensou como poucos ao cantar lindamente o sexo no disco *Abraço*, de 2012.

Caetano nos conta que, “quando o galo cantou, eu ainda estava agarrado ao seu pé e à sua mão, uma unha na nuca, você já maluca, de tanta alegria do corpo, da alma e do espírito são”. Por um momento, comenta que “o relógio parou”. Logo, porém, a explicação: “eu queria parar, nesse instante de nunca parar”. O extraordinário do prazer faz ele perguntar: “o que fiz para merecer essa paz, que o sexo traz?” E “você se consterna e diz: ‘não, não se pode, ninguém pode ser tão feliz’”. Já no fim, entretanto, o tempo volta. “Deixa o tempo seguir, mas quedemos aqui, deixa o galo cantar”, diz Caetano, em referência ao amanhecer quando o galo canta (ecoando o que, desde *Qualquer coisa*, de 1975, já dizia: “de madrugada a gente ainda se ama”, “eu faço samba e amor até mais tarde, e tenho muito sono de manhã”; e “eu só queria que não amanhecesse o dia”).

Essa canção chama-se “Quando o galo cantou” e, em sua poesia, há esse achado: um instante de nunca parar. É um achado porque, aqui, não se escapa do tempo para a eternidade, embora a cronologia desapareça: o relógio parou. Dizem que Aristóteles tinha entendido, na sua *Ética a Nicômaco*, o que aconte-

ce neste tempo do prazer, ao dizer que, a cada instante seu, haveria um quê de inteiro e completo, ou que a forma do prazer é perfeita, suspendendo assim a contagem quantificada. Será? Logo ele, Aristóteles, que definira, em sua *Física*, o tempo como número do movimento, isto é, como uma medida, que é justamente contagem quantificada? Não sei, mas faz sentido isso.

Voltando às suas preocupações, o problema contemporâneo talvez tenha sido a elevação da quantificação do tempo à forma de tudo o que é, enquanto os gregos, como Aristóteles, ao menos restringiam essa ideia de medida, reconhecendo que há experiências, como a do prazer, de outra ordem. Quando dizem hoje que tempo é dinheiro, o que é terrível não está apenas na colonização capitalista do ser, mas na submissão do tempo à medida. Pois dinheiro não é nada em si. É uma medida. Como dizia o velho e combalido Karl Marx, é um equivalente universal, para o qual tudo só varia quantitativamente. Hoje, até o prazer é contabilizado: ao invés de abrir a experiência do instante, que é singular e medida de si mesmo, ele é calculado quantitativamente, em uma compulsão que desconhece o que Caetano também canta naquela música – a paz que o sexo traz.

Um abraço,
Pedro!

Rio de Janeiro, 12 de abril de 2023.

Querido Pedro,

como prosseguir nossa conversa depois do Fla x Flu deste fatídico domingo de Páscoa? O Flamengo perdeu. E perdeu feio, Pedro!

Sofri quieto e não respondi às merecidas gozações dos tricolores.

Vida que segue. Claro.

Mas para a vida prosseguir, resta saber o que fazer com a dor de uma perda que eu não desejei. Aliás, muito pelo contrário, que torci para não acontecer.

Resta saber o que fazer com a dor que aquela “*figura hedionda*” que vimos refletida imprevisivelmente no espelho nos causa sem que soubéssemos se tratar de nós mesmos, como no conto de Guimarães Rosa.

Pois, como nos diz o escritor mineiro, é deste modo que se instala em cada um de nós a incessante procura “*do eu por detrás do eu*”.

O que fazer desta dor que não desejei e sequer sabia ser minha?

Trata-se da mesma investigação levada a cabo por Édipo-rei, na tragédia de Sófocles.

Também a mesma empreendida por todos nós diante da morte das pessoas queridas, o que, segundo Freud, desperta em todas as crianças o desejo de filosofar sobre a origem dos mistérios, ou seja, do mistério de tudo aquilo que excede a seu umbigo.

Se a morte alcança quem não conheço, posso ignorá-la; se toca aqueles que odeio, posso dizer que morreram porque assim eu o quis; mas, Pedro, e quando o Flamengo perde? E quando a morte chega para aqueles que amamos? Aí nenhuma das possibilidades acima citadas satisfaz e nos vemos, nós, as crianças, obrigadas a lançar nossos olhares para além dos nossos umbigos.

Como nos diz Rilke na Oitava Elegia:

*(...) Tudo aqui é distância – lá
era alento. Depois da primeira
pátria, como parece a segunda
incerta e sem abrigo! Bem-aventurada
a pequena criatura que sempre permanece
no seio que a criou; ó tu, mosca feliz,
que saltas interiormente ainda mesmo
nas núpcias: o ventre é tudo. (...).*

(RILKE, 1976, p.47)

“*Salto mortal*” (Guimarães Rosa) que desafia o espanto fundamental causado pela “*distância da primeira pátria*” e, ao mesmo tempo, abre e nos lança, *incertos e sem abrigo*, para a realidade constitutiva da humanidade sujeito humano, *a segunda pátria*, lá onde o “*ventre não é tudo*”.

Você nos mostrou em sua primeira carta que “*não é o tempo que passa; nós é que passamos por ele*”, nós é que nos sujeitamos a ele, da mesma maneira como nos ensina Carlos Drummond de Andrade com a pedra no meio do caminho. A princípio, ignorantes de nosso destino humano, lamentamos a pedra sem reconhecer que ela é a razão da necessidade do caminho. Sem pedra não há caminho.

Uma outra dimensão, agora temporal, da revolução copernicana em que deixamos de ser o centro e senhor de tudo o que nos acontece e nos tornamos transeuntes, um caminho dentre várias possibilidades de caminhos.

Como no Fla x Flu!

Aceitar que o Flamengo perdeu o jogo e o campeonato envolve e implica operações complexas, delicadas, a maior parte delas inconscientes, mas sem as quais a dor da perda é intolerável e não se estabelecem as condições necessárias para que se abra e se instale a humanidade dos homens.

Saudações rubronegras,
Miguel.

P.S.: já comprou seus ingressos para a Copa do Brasil, Libertadores e Brasileirão?

Rio de Janeiro, 14 de abril de 2023.

Salve, Miguel!

Continuamos após a derrota. No fim da sua carta você me pergunta pelos ingressos por vir: já estão comprados desde o começo deste ano e até o fim. Ganhar ou perder é do jogo. A gente vai ao Maracanã porque ama o Flamengo. Então, não tem outro jeito. Só resta continuar. Sempre. Depois de qualquer coisa. Isso é o tempo. Cazuza já cantava que “o tempo não para”. E confesso que essa derrota acachapante de 4x1 para o Fluminense, na final, não foi tão dolorosa quanto eu imaginaria. Não sei se porque o Flamengo jogava mal desde o início do ano. Não sei se porque, antes, desde 2019, ganhamos tanto que perder não é desesperador. Não sei se porque o Fluminense jogou tão bem que não achei que tínhamos chance e, ao menos, salvou a partida da mediocridade.

Mas, o tema é tempo, então, devo dizer: a parte que mais me apavorava era um fantasma. Um fantasma do passado. Meu assombro era ver, no jogo de hoje, outro, que ocorreu em 1995, quando o Flamengo perdeu de 3x2 do Fluminense: nosso time estava no seu centenário, tínhamos contratado o então melhor jogador do mundo, Romário, e buscamos um empate que nos daria o título por 2x2 – mas, no último minuto, o ex-ídolo rubro-negro, agora com camisa tricolor, Renato Gaúcho, fazia um gol de barriga. O pior, para mim, era esta lembrança. Pois, como dizia o William Faulkner, o passado não passa, ele sequer é passado. Fla-Flu é memória, é atenção e é expectativa.

No mais, perder – não apenas no sentido de uma derrota, como no jogo, mas no sentido daquilo que deixa de ser – é parte da essência do tempo, não é? Estar no tempo é ter a dádiva do nascimento e do novo, por um lado, mas também a dor da morte e do fim, por outro lado. Há um poema da Elizabeth Bishop emocionante a esse respeito, ou melhor, a respeito da arte de aprender a perder. Na tradução de Paulo Henriques Britto, o poema soa assim – e com ele me despeço, torcendo para aprendermos essa arte.

*A arte de perder não é nenhum mistério;
Tantas coisas contêm em si o acidente
De perdê-las, que perder não é nada sério.*

*Perca um pouquinho a cada dia. Aceite, austero,
A chave perdida, a hora gasta bestamente.
A arte de perder não é nenhum mistério.*

*Depois perca mais rápido, com mais critério:
Lugares, nomes, a escala subsequente
Da viagem não feita. Nada disso é sério.*

*Perdi o relógio de mamãe. Ah! E nem quero
Lembrar a perda de três casas excelentes.
A arte de perder não é nenhum mistério.*

*Perdi duas cidades lindas. E um império
Que era meu, dois rios, e mais um continente.
Tenho saudade deles. Mas não é nada sério.*

*- Mesmo perder você (a voz, o riso etéreo
que eu amo) não muda nada. Pois é evidente
que a arte de perder não chega a ser mistério
por muito que pareça (Escreve!) muito sério.*

(BISHOP, 2012, p.363)

Referências bibliográficas

- BISHOP, E. (2012). *Poemas escolhidos*. Trad. Paulo Henriques Britto. Companhia das Letras.
- GULLAR, F. (2013). *Na vertigem do dia*. José Olympio.
- MUSIL, R. (1989). *O homem sem qualidades*. Nova Fronteira.
- RILKE, R.M. (1976) *Elegias de Duíno*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Editora Globo.
- ROSA, J.G. (1988). *Primeiras estórias*. Nova Fronteira.

Miguel Calmon du Pin e Almeida

mcalmon.trp@terra.com.br

Pedro Duarte

p.d.andrade@gmail.com